

Curso Livre CONTOS DE TRÊS EM TRÊS

26 de Outubro - 25 de Novembro de 2015 – 2.ª e 4.ª, 18:00-20:00 – Sala 5.2

PROGRAMA¹

1. Três contos perversos [26.10]

Cristina Almeida Ribeiro

Sendo a perversidade entendida como denominador comum aos três contos a abordar nesta sessão – “Febre romana” (Edith Wharton, 1934), “Mister Taylor” (Augusto Monterroso, 1959) e “As primas” (Guilherme de Melo, 1999) –, não deixará de perguntar-se por que razão são eles perversos e de que modo o são. Sê-lo-ão por uma espécie de contaminação do relato por alguma das suas personagens? Como se inscreve a perversidade nos textos? Tratar-se-á de mera questão temática ou de algo mais? Jogar-se-á apenas na interacção dos que protagonizam a história contada ou afectará também as relações autor/leitor mediadas pelo exercício narrativo?

2. Três contos sobre a morte dos outros [28.10]

Conceição Pereira

O tema “a morte dos outros” permite ler em conjunto três contos muito diferentes: “Chão de esquecimento” (1970) de José Mauro de Vasconcelos, “O caixão do molhado” (2001) de Pepetela e “O cão” (2007) de Teolinda Gersão. Uma abordagem possível reside na realização de uma leitura destas três narrativas curtas que ponha em evidência o modo como são representadas as consequências da morte de outras pessoas nas vidas dos protagonistas, assim como o modo como a enunciação escolhida para narrar afeta a percepção dessas consequências.

3. Três contos desconcertantes [02.11]

Maria Graciete Silva

Desafiando a lógica ou o senso comum, qualquer dos contos escolhidos - "Enquanto elas dormem" (Javier Marías, 1990), "A carteira de crocodilo" (Mia Couto, 1997) e "A cabeça de Mânlio" (Mário de Carvalho, 2013) - confronta o leitor com estratégias de naturalização do insólito que vão da ironia ao humor negro ou à exibição corrosiva do ridículo. A brevidade dos contos de Mia Couto e de Mário de Carvalho, com as suas diferenças estruturais e de tom, contrasta, por seu lado, com a reiteração característica de uma coreografia da revelação que, em Javier Marías, se confunde com amoralidade.

4. Três contos com livros [04.11]

Paula Morão

Em contos de Eça de Queirós (“Civilização”), de Jorge Luís Borges (“A biblioteca de Babel”) e de Mário de Carvalho (“A força do destino”), questiona-se a utilidade e a importância do livro, quer como objecto quer como símbolo. Esta sessão trabalha sobre essas questões, com referência mais detalhada a estes autores, mas abrindo a porta para alguns outros, deixando sugestões de leitura.

5. Três contos assim-assim [09.11]

João Dionísio

O objectivo desta sessão é tratar o conceito de variação nos textos “Uma dinastia sensível” (1968), de M. S. Lourenço; “Imaginação morta imagina” (1966, traduzido em 1972 para língua portuguesa) de Samuel Beckett; e “Sans” (1969), também de Beckett. Embora a pertença destas três narrativas ao género “conto” seja debatível, a extensão breve, a relativa economia de meios e o aparente carácter ficcional que é nelas reconhecível fornecem o pano de fundo para a análise de como a variação, sendo comum a todas, tem uma configuração especial em cada texto. Para a sessão são convocados aspectos do contexto de produção destas narrativas, de certas artes poéticas e de alguns conceitos matemáticos.

¹ Na primeira sessão será entregue a cada participante a antologia que reúne todos os textos a estudar ao longo do curso, pressupondo-se daí por diante, em cada sessão, a leitura prévia dos contos que lhe estão associados.

6. Três contos africanos [11.11]

Raquel Baltazar

Nesta sessão, propõe-se a leitura de três contos sobre as questões da raça e da identidade africana. Pretende-se reflectir sobre estereótipos associados às diferenças étnicas e culturais que produzem um diálogo sociológico, didáctico e crítico. A recuperação do universo da oralidade torna-se força impulsionadora da escrita criando uma estreita ligação entre a construção literária e a consciencialização social. As narrativas a analisar são: “Nós Matámos o Cão Tinhoso” (1964) de Luís Bernardo Honwana, “O embondeiro que sonhava pássaros” (1990) de Mia Couto e “Nós chorámos pelo cão tinhoso” (2007) de Ondjaki.

7. Três contos de lupa na mão [16.11]

Ruth Navas

Apesar de Sir Arthur Conan Doyle ter publicado a primeira aventura na imprensa do final do século XIX, as estratégias associadas a Sherlock Holmes foram sucessivamente publicadas e reinventadas quer pelo próprio autor, quer por outros divulgadores. Para cada história, importa salientar os processos, por vezes rocambolescos, que experimentam e validam cientificamente a arte da representação como forma de desafiar o leitor a desvendar o enigma policial. Para esta abordagem foram seleccionados os seguintes textos: “A casa vazia”, de Conan Doyle, publicado nas *Obras Completas de Sherlock Holmes*; “A história do homem dos relógios”, do mesmo autor, incluído na coleção de *Histórias à lareira*; e “O dia em que Sherlock Holmes foi salvo por Capitão Fracasse”, que integra a obra *Gente melancolicamente louca*, da autora portuguesa Teresa Veiga.

8. Três contos com mirones [18.11]

Marta Pacheco Pinto

Nesta sessão, propomos a leitura de três contos com mirones, ou seja, com espectadores curiosos e atentos da vida humana, que vêm sem serem vistos. Através de uma selecção diversificada de narrativas breves de autores ligados ao Extremo Oriente (Macau e Japão, respectivamente), pretendemos reflectir sobre três tipos, ou gradações, de olhar curioso e atento: o espectador da sua própria rotina e da dos outros, a qual o faz constatar o vazio real e indagar ausências; o espectador que especula e procura respostas por via do gesto de espreitar; e o espectador que se esconde por detrás desse gesto para atenuar uma solidão opressiva e dar azo a fantasias secretas e experiências sensoriais, desejando abandonar a sua condição de ser passivo. Os contos escolhidos oferecem histórias dentro de histórias, marcadas culturalmente pelos espaços geográficos a que se reportam, através das quais se questionam as fronteiras entre imaginação e realidade, quando não os próprios limites da ficção. As sugestões de leitura que fazemos são as seguintes: “Diário de Tóquio” (1998), de Fernanda Dias; “A doida” (1968), de Maria Ondina Braga; e “A cadeira humana” (1925), de Edogawa Rampo (pseudónimo de Hirai Taro).

9. Três contos com cartas alheias [23.11]

Cristina Almeida Ribeiro

Elemento propiciador da comunicação à distância, da confiança, da expansão do mundo interior, a carta é um motivo narrativo de larga tradição, trabalhado de múltiplas formas em romances e contos de todos os tempos. Nos três contos escolhidos para esta sessão – “A carta” (Machado de Assis, 1884), “A avó Cândida” (Maria Judite de Carvalho, 1959) e “Cartas de amor atraído” (Isabel Allende, 1989) –, há cartas: em número diferente, nem sempre transcritas, mas sempre com papel nuclear. Alheias, porque lidas por terceiros ou escritas por interposta pessoa, elas geram os equívocos e permitem as revelações que, como se verá, são o sal das narrativas breves de que participam.

10. Três contos entre roubo e cleptomania [25.11]

Maria Isabel Rocheta

Margarida (Camilo, *Memórias do Cárcere*, Cap. XXV); Luísa (Eça, “Singularidades de uma rapariga loira”); Marianinha (Domingos Monteiro, “A Ladra”): o roubo sela a desgraça das jovens personagens. Como vêm elas o acto de roubar, como são julgadas na sua circunstância, como delas ajuíza o narrador – da leitura atenta das três narrativas sobressaem a noção de responsabilidade, o entendimento da psicologia, os padrões éticos da sociedade portuguesa do tempo e, sobretudo, a qualidade da ficção de cada um dos autores.